REVISTA TRIPLOV
DE ARTES, RELIGIÕES E CIÊNCIAS

série viridae . número 03 . dezembro de 2021

32 POEMAS DAS FLORES DO MAL & OUTROS EXCERTOS DE BAUDELAIRE[1]

Alesandro Zir[2]

Proponho as traduções abaixo como ilustração do que se tem argumentado em outros lugares: aquilo que em francês se tem chamado *écriture* — e que se poderia traduzir ao português de várias formas, todas elas tendo que ver, necessariamente, com a escrita poética e/ou ficcional — estaria ligado ainda (de forma inequívoca e equívoca, desconstrutora, no sentido derridiano da palavra) a uma série de tradições místico- (ou esotérico-)literárias típicas da Renascença (e que remontam ainda pelo menos ao período helenístico e obras como *O Asno de Ouro*). Parte desses textos são referidos no artigo do professor Reginald McGinnis, "Modernité et sorcellerie: Baudelaire lecteur du XVIII^{e} siècle", cuja tradução em português também estamos publicando.

* * * * *

"Seria um acontecimento completamente inusitado na história das artes que um crítico se tornasse poeta, uma inversão de todas as leis psíquicas, uma monstruosidade: ao contrário, todos os grandes poetas se tornam naturalmente, fatalmente, críticos. Eu lastimo os poetas que são guiados apenas pelo instinto; considero-os incompletos. Na vida espiritual dos primeiros, um momento de crise advém infalivelmente, em que sentem a necessidade de refletir sobre a sua arte, descobrir as leis obscuras em virtude das quais ela se produz, e de tirar desse estudo uma série de preceitos cuja meta divina é a inexorabilidade na criação poética. Seria prodigioso se um crítico se tornasse poeta, e é impossível que um poeta não contenha já em si um crítico. O leitor não deve, portanto, se espantar do fato de eu considerar o poeta como o melhor de todos os críticos."

[1] Agradeço à Luciana Abreu Jardim pela leitura e revisão deste material.

[2] Doutor pelo Interdisciplinary PhD Program da Dalhousie University (Halifax, Canadá, 2009). Tem publicações na Alemanha, Brasil, Canadá, Chile, Estados Unidos, Inglaterra, Polônia e Portugal, incluindo livro (*Luso-Brazilian Encounters of the Sixteenth-Century*, Fairleigh Dickinson University Press, 2011), capítulos de livro, e artigos em periódicos de referência tais como *Republics of Letters*, *Portuguese Literary and Cultural Studies,* e o *Marburg Journal of Religion*. Tem atuado também de forma mais direta (criativa) em áreas ligadas às artes, como a literatura e a cultura visual. E-mail: azir@dal.ca.

[*Richard Wagner et Tannhäuser à Paris*]

"Em certas obras que se originam de profundas individualidades, há algo que lembra esses sonhos periódicos e crônicos que assediam regularmente o nosso sono... Em Goya, é impossível apanhar a linha que junge, o ponto de sutura entre o real e o fantástico. Trata-se de uma fronteira vaga que o analista mais sutil não conseguirá traçar, tanto é a sua arte transcendente e natural."
"Nos fantásticos quadros de Brueghel o Velho, a alucinação revela-se em plena força. Que artista poderia compor obras tão monstruosamente paradoxais, se não estivesse tomado, desde o princípio, por alguma força desconhecida?... Aquilo que nosso século, para o qual tudo se explica facilmente, graças ao seu duplo caráter de incredulidade e ignorância, explicaria como fantasioso e fruto de capricho, contém, me parece, uma espécie de *mistério*. O trabalho mais recente de alguns médicos, que por fim deram-se conta da necessidade de explicar uma chusma de fatos históricos e milagrosos de outra forma que não pelos meios cômodos da escola voltairiana, a qual por tudo não vê senão a habilidade na impostura, ainda não conseguiu desembaraçar todos os arcanos psíquicos. Ora, eu desafio que se explique o caos diabólico e peculiar de Brueghel o Velho por outro meio que não uma graça muito especial e satânica."
[Quelques caricaturistes étrangers]

"Pinturas são uma evocação, uma operação mágica: se pudéssemos sobre isso consultar as crianças!... Pergunte a qualquer cidadão francês distinto, que lê todos os dias o seu jornal no café ao lado, o que é que ele entende por progresso, e ele responderá que é o vapor, a eletricidade, a iluminação a gás, milagres desconhecidos pelos romanos, descobertas que provam perfeitamente a nossa superioridade com relação aos clássicos... O coitado foi tão americanizado por esses filósofos zoocratas e industriais, que perdeu a noção de que há alguma diferença entre o mundo físico e o mundo moral, o natural e o sobrenatural."
"Sentimo-nos inclinados a dizer que, ao pintar, Delacroix projeta o seu pensamento à distância, como o fazem feiticeiros e magnetizadores. Esse fenômeno singular deve-se à sua força como colorista... Diz Edgar Allan Poe (não sei onde) que o resultado do ópio sobre os sentidos é revestir a natureza toda de um interesse sobrenatural que dá a cada objeto um sentido mais profundo, mais voluntário, mais despótico... A pintura de Delacroix me parece a tradução dessas belas jornadas do espírito. Como a natureza percebida por nervos superexcitados, ela revela o sobrenatural."
[Exposition universelle (1855)]

"Ontem à noite, depois de enviar as páginas mais recentes da minha carta, em que eu havia escrito, não sem um certo receio, 'assim como a imaginação criou o mundo, ela o governa', folhei o livro de Catherine Crowe, *The Night Side of Nature, or Ghost and Ghost Seers*, e deparei-me com as linhas seguintes: 'Por imaginação, não entendo apenas a noção usual implicada naquela palavra, tão desgastada, que é meramente *fantasia*, mas a imaginação *construtora*, que é uma função muito mais alta, e que, tanto quanto o homem é feito à semelhança de Deus, traz consigo uma relação distante com aquela capacidade sublime através da qual o Criador projeta, cria, e mantém o seu universo.' Não tenho de forma alguma vergonha, mas, ao contrário, fico muito satisfeito de haver me reencontrado com essa excelente madame Crowe, de quem sempre admirei e invejei a capacidade de acreditar, tão desenvolvida nela quanto em outros é a desconfiança."

"Que imaginação tinha ele! Delacroix jamais temeu escalar as complicadas alturas da religião; o céu lhe pertence tanto quanto o inferno, a guerra, o Olimpo, a voluptuosidade. Temos aí o típico pintor-poeta! Ele está entre os raros eleitos, e a largueza do seu espírito compreende a religião em seu domínio. Sua imaginação, ardente como capelas ardentes, brilha de todas as chamas e em todos os tons de púrpura. Tudo que há de dolorido na Paixão o apaixona; tudo que há de esplendoroso na Igreja o ilumina."
[Salon de 1859]

"O homem rico, ocioso, e que, mesmo se blasé, não tem nenhuma outra ocupação senão seguir as pegadas da felicidade; o homem que cresceu no luxo e foi acostumado desde a juventude à aquiescência dos outros, aquele que, em suma, não tem outra profissão que não a elegância — ele há de usufruir sempre, em todos os tempos, de uma fisionomia distinta, absolutamente singular. O dandismo é uma instituição vaga, tão bizarra quanto o duelo; muito antiga, já que César, Catilina e Alcebíades nos dão dela tipos extraordinários; muito generalizada, já que Chateaubriand a encontrou nas florestas e nos lagos do Mundo Novo... Essas criaturas possuem assim, ao seu gosto e em larga medida, tempo e dinheiro, sem o que a fantasia, reduzida ao estado das divagações passageiras, não pode se traduzir em ação... Se falei de dinheiro, é porque o dinheiro é indispensável a quem cultua as próprias paixões; mas o dândi não aspira ao dinheiro como algo de essencial; uma quantidade indefinida de crédito pode lhe bastar; ele abandona a paixão grosseira do dinheiro aos mortais vulgares. O dandismo não é nem mesmo, como parecem crer muitos desavisados, um gosto imoderado pela toalete e a elegância material. Essas coisas não são, para o dândi perfeito, senão símbolo da superioridade aristocrática do seu espírito. Da mesma forma, a seus olhos, atraídos sobretudo pela distinção, a perfeição na toalete consiste na simplicidade absoluta, que é, com efeito, a melhor forma de se distinguir. O que é, então, essa paixão que, transformada em doutrina, produziu adeptos tiranos, essa instituição não-escrita que formou uma casta tão altiva? É antes de mais nada o desejo imperioso de fazer para si algo de original, dentro dos limites das convenções exteriores. Vemos que, sob certos aspectos, o dandismo faz fronteira com o espiritualismo e o estoicismo. Essa seriedade no frívolo não deve escandalizar o leitor, que não pode esquecer que há grandeza em toda forma de loucura, força em todos os excessos. Estranho espiritualismo! Para aqueles que dele são, ao mesmo tempo, os sacerdotes e as vítimas, as condições materiais complicadas a que se submetem, da toalete irreprochável a toda hora do dia e da noite aos esportes perigosos, são todas elas uma ginástica apropriada a fortalecer a vontade e disciplinar a alma. Na verdade, eu não me enganava em nada ao considerar o dandismo uma espécie de religião."
"A moda deve ser considerada como um sintoma do gosto pelo ideal que flutua no cérebro humano acima de tudo aquilo que a vida natural aí acumula de grosseiro, de terreno, de imundo, como uma deformação sublime da natureza, ou melhor, como um esforço permanente e sucessivo de reforma da natureza... todas as modas são assim encantadoras, quer dizer, relativamente encantadoras, cada qual representando uma tentativa nova, mais ou menos feliz, de se alcançar o belo, algum tipo de aproximação ao ideal cujo anseio faz titilar sem cessar o espírito humano insatisfeito. A mulher está em seu direito, mais do que isso, ela cumpre mesmo uma espécie de dever, quando se esforça por parecer fabulosa e sobrenatural; é preciso que ela espante, que ela encante; ídolo, ela deve se dorar para ser adorada. Ela deve, pois, tomar emprestado de todas as artes os meios de se elevar acima da natureza para melhor subjugar os corações e arrebatar as almas."
[Le Peintre de la vie moderne]

"Nenhum músico supera Wagner na *pintura* do espaço e da profundidade, materiais e espirituais. Essa é uma constatação a que muitas almas, as melhores, não puderam se impedir de chegar em diversas ocasiões. Ele possui a arte de traduzir, por meio de graduações sutis, tudo que há de excessivo, de imenso, de ambicioso no homem espiritual e natural. Parece, às vezes, ao escutar essa música extasiante e despótica, que se descobre, pintadas sobre um fundo de trevas, estraçalhadas em sonhos, as visões vertiginosas do ópio... A partir do primeiro concerto, fui tomado do desejo de avançar no entendimento da inteligência dessas obras singulares. Sofri (ao menos assim me pareceu) uma conversão espiritual, fui afetado por uma revelação."
"Desde os primeiros compassos do *Tannhäuser*, os nervos vivem em uníssono a melodia; toda a carne ao lembrar começa a estremecer. Todo cérebro bem formado traz em si dois infinitos, o céu e o inferno, e em toda imagem de um desses infinitos ele reconhece subitamente a metade de si mesmo."
"... o mito é como uma árvore que cresce por toda parte, em qualquer clima, debaixo de seja qual for o sol, espontaneamente, sem muda. As religiões e as poesias dos quatro cantos do mundo nos dão sobre esse tema provas abundantes. Assim como o pecado está por toda parte, a redenção está por toda parte, o mito está por toda a parte."
"Amo esses excessos de vitalidade, esses desbordamentos da vontade que se inscrevem nas obras como o betume incendiado no solo de um vulcão, e que, na vida comum, sinalizam frequentemente o período, cheio de delícias, que se segue a uma grande crise moral ou física."
[Richard Wagnern et *Tannhäuser* à Paris]

"O poeta não tem partido, de outra forma seria um mero mortal... É mais difícil amar a Deus do que acreditar nele. Diferentemente, para os homens desse século, é mais difícil acreditar no Diabo do que amá-lo."
[Projets de Préface pour Les Fleurs du Mal, I]

"Nenhum respeito humano, nenhuma falsa modéstia, nenhum conluio, nenhum sufrágio universal vai me obrigar nem a falar o *patois* horroroso desse século nem a confundir a tinta com a virtude."
[Projets de Préface pour Les Fleurs du Mal, II]

"A poesia alcança a música através da prosódia, cujas raízes na alma humana se estendem muito além do que qualquer teoria clássica jamais poderia imaginar."
[Projets de Préface pour Les Fleurs du Mal, III]

"Casto como papel, sóbrio como água, inclinado à devoção como alguém que comunga, inofensivo como uma vítima, por que deveria eu me inquietar por parecer um degenerado, um alcoólatra, um ímpio e um assassino? Teremos acaso de explicar ao público como, no amálgama da obra, instinto e sinceridade se misturam com estereótipos e o charlatanismo inevitável? Tenho meus nervos, meus vapores. Anseio pelo descanso e pela noite ininterrupta. Canto religiosamente a volúpia divina do vinho e do ópio, não tenho sede senão de um licor desconhecido na terra e que nem na farmácia celestial se conseguiria encontrar... Seja como for, e já que versados na sensibilidade superior não tememos nossas contradições, eu reúno, ao final desse abominável livro, testemunhos favoráveis sobre mim, de homens

honrados, para que o leitor desassombrado possa inferir por si mesmo se não sou mesmo digno de excomunhão..."
[Projets de Préface pour Les Fleurs du Mal, IV]

"Bendito seja Deus que nos dá o *tormento*,
Às impurezas nossas divino remédio,
Eis o mais refinado e melhor elemento
E que os fortes prepara ao santo sortilégio!

Sei que um lugar guardais ao velho Poeta
Nas tão benditas ordens das santas Legiões,
E que o convidais vós à eterna festa
Dos Tronos, das Virtudes e Dominações."
[Bénédiction]

"ELEVAÇÃO [III]

Bem acima dos lagos e acima dos mares
Bosques, vales, montanhas de Demeter
E para além do sol e para além do éter,
Aos confins das esferas estelares,

Meu espírito tu te moves com perícia,
Como bom nadador que se extasia na onda,
Rasgas alegremente a vastidão hedionda
E com uma indizível e viril delícia.

Voa bem para longe desses miasmas mórbidos;
Vai te purificar no ar superior,
E bebe, como um puro e divino licor,
O fogo que preenche claro os espaços límpidos.

Por trás dos tédios, vastas e rudes tristezas
Carregam com seu peso a existência brumosa,
Feliz de quem puder com asa vigorosa,
Ir-se rumo a regiões luminosas e coesas;

De quem cujas ideias — pássaro veloz,
Rumo aos céus de manhã, em voo livre ascenda,
Quem sobre a vida plane, e sem esforço entenda
A linguagem das flores, das coisas sem voz."

"CORRESPONDÊNCIAS [IV]

A Natureza é templo em que vivos pilares
Deixam sempre escapar foscas algaravias;
Passa o homem aí, entre analogias
Florestas suas d'olhos os mais familiares.

E como longos ecos que longe confundem
Em uma tenebrosa e profunda unidade,
Vasta como uma noite e como a claridade
Os perfumes, os sons, as cores se respondem.

Há os perfumes tenros, da carne de infantes,
Doces como oboé, verdes como a campina,
E outros corrompidos, ricos, triunfantes,

Como o almíscar, o incenso, o âmbar, a resina
Possuindo das coisas sem fim a expansão,
Que canta o alçar-se d'alma e da sensação."

"A MUSA DOENTE [VII]

Assim, já de manhã? Oh, minha pobre musa!
Olhos vazados tens e de clarões noturnos,
Vejo te refletir, na face assim profusa,
Insensatez e horror, cruéis e taciturnos.

O súcubo verdoengo e o róseo querubim
Verteram-te da urna o medo e o amor?
De um golpe o pesadelo, a ti ele há enfim,
Despótico, afogado em charco de estupor?

Da força exalando o traço quis eu ver,
De pensamentos sãos, teu seio reviver.
E teu sangue cristão em ritmo jorrar,

Pro volumoso som das sílabas plasmar,
Ali onde são reis, velhos pais das canções:
Febo e o grande Pã, senhor das monções."

"HINO A BELEZA [XXI]

Vens tu do céu profundo ou sais do precipício,
Beleza cujo olhar, divino e infernal
Embaralhando o mal e dele o benefício
Por isso comparada ao douto Gardenal.

Em teus olhos se veem pôr-do-sol e aurora;
Difundes o trovão como a noite raivosa;
Teus beijos são um filtro, ele da boca aflora,
Que o herói deixa fraco e a criança briosa.

Sais tu do negro abismo ou descendes dos astros?
Como o destino um cão às tuas anáguas segue
Ao azar, plantas tu alegria e desastres
E a tudo tu dominas, nada te persegue.

Em mortos pisoteias, são com quem tu ris;
Das joias o horror não te é o menos charmoso
E é o assassínio dentre os teus debris
Quem em teu ventre amado dança orgulhoso.

A mariposa voa deslumbrada a ti, vela
Crepita, queima e diz: bendita esta chama!
O amante ofegante inclinando-se à bela
Semblante de mortiço a acariciar a cama.

Que venhas tu do céu, do inferno que m'importa,
Beleza monstro enorme! Sinistro, imaculado!
Se teu olho e sorriso abrem a mim a porta
Do infinito amado e ainda ignorado.

De satã ou de Deus, anjo ou sereia minha?
Que diferença faz, olhos meus de veludo,
Cadência, cheiro, luar — única rainha
Se o mundo tornas manso, o tempo aliviado?"

"O VAMPIRO [XXXI]

Tu que, golpe de punhal,
Em meu doído peito entrou:
Rebanho de um lamaçal
Tal que o demônio preparou.

De meu tão humilhado nume,
Teu leito fez e tua ceia,
Do que não estou eu impune,
Retido assim nesta cadeia.

Como à garrafa o bebum
Como ao jogo o jogador
O ganido ao estertor:
— Maldito seja, factótum!

E ao gládio eu pedi ligeiro
Conquistar-me a liberdade
E ao veneno, o mais certeiro
Levar-me à temeridade.

Mas, ah! gládio e veneno,
Em desprezo, me disseram
'Indigno são do nosso aceno,
Os que a escravidão veneram,

Parvo! — a tua monarquia
De que dizes querer respiro,
O teu beijo a ela reviveria
Do cadáver de um vampiro.'

"O GATO [XXXIV]

Vem, ao meu coração, belo gato manhoso,
Contém da tua garra o punhal,
E me deixa afundar em teu olho faustoso,
Arranjo de pedra e metal.

Quando calmo e à toa, ao acaso eu roço,
Em tua cabeça e lombo elástico
E minha mole mão entorpeço de gozo,
Apalpando teu corpo elétrico,

Vejo da mulher minha o fantasma, o olhar,
Como o teu, te envaideça,
Cavo, cortado e frio, fendido a dardejar,

E, dos pés à cabeça,
Um ar teso e sutil, perfume perigoso,
A nadar ao redor do seu corpo brumoso."

"OS POSSUÍDOS [XXXVII]

O sol se cobriu de crepe. Tu também,
Adorada Lua! Te abafa na sombra,
Fica quieta, dorme ou fuma, na penumbra,
No golfo do tédio te afunda e bem.

Gosto de ti assim! Mas, se queres, rainha
Tal astro eclipsado e que vaga da cova,

Nos locais desfilar, onde a insânia desova
Isso mesmo, punhal! jorra da tua bainha.

Acende a pupila na chama dos lustres!
Acende o furor nos olhares dos xucros!
Tudo em ti me agrada, laurel e patíbulo;

Seja o que quiser, negro véu, rubra aurora;
Não há uma fibra no meu corpo trêmulo,
Que a ti não grite: Belzebu, te adoro!"

"SEMPER EADEM [XL]

'De onde vem, diz tu, esse tão estranho clima
Subindo como o mar o escarpado rochedo?'
— Depois que o coração fez a sua vindima,
Viver é então um mal, que a ninguém faz segredo,

Uma dor muito simples e nada misteriosa,
Como a nossa alegria, a todos atordoante,
Para de procurar, cala-te curiosa!
E se bem que tua voz seja tão bem soante.

Saiba alma deslumbrada e boca garrafal!
Com teu riso infantil! Mais que a Vida, triunfal,
Sempre nos tem a Morte e por laços sutis.

Deixa meu coração, cachaceiro bisonho
Mergulhar em teus olhos como um belo sonho
E dormitar à sombra longa dos teus cílios!"

"O FACHO VIVO [XLIII]

Marcham diante de mim, Olhos plenos de luz,
Pelo Anjo mais douto, é certo, imantados;
São divinos irmãos, meus irmãos gabirus,
Que em meus olhos agitam fogos diamantados.

Salvam-me da armadilha e do pecado grave,
Meus passos eles guiam na estrada do Belo;
Cada um meu lacaio e eu deles escravo;
Segue todo meu ser a esse vivo lume.

Pois emanam vocês a claridade mística
Dos círios que de dia queimam em pleno sol

Que ruge sem delir sua fogueira fantástica;

Eles do Fim, vocês do Despertar, farol;
E louvam a marchar para minh'alma avivar,
Astros que sol nenhum pode o lume murchar."

"HARMONIA DA NOITE [XLVII]

Das plantas é o período em que no caule vibram,
A flor se evapora assim em incensários;
E perfumes e sons reviram lapidários,
Melancólica valsa e lânguida vertigem!

A flor se evapora assim em incensários;
O violino vibra e corações se perdem,
Melancólica valsa e lânguida vertigem!
E triste está o céu, belo como sacrários.

O violino vibra e corações se perdem,
Afáveis corações, do nada adversários!
E triste está o céu, belo como sacrários;
Em sangue se afogou dos sois que se congelam.

Afáveis corações, do nada adversários,
Luminosos sinais do passado recolhem!
Em sangue se afogou dos sois que se congelam...
Lembrança que em mim reluz como sacrários!"

"O FRASCO [XLVIII]

Perfumes fortes há, aos quais toda matéria,
Poros tem. E penetram vidro sem injúria.
Ao abrir um estojo que vem do oriente
E cuja tranca range e reluta guinchando,

Ou na casa deserta um armário poeirento,
Cheio de um acre odor dos tempos, e escuro,
Encontra-se aí um frasco que recorda,
E jorra dele viva uma alma que retorna.

São pensamentos mil e fúnebres crisálidas
Tremendo docemente e entre as trevas lânguidas,
Que desatam a asa e são em voo alçados,
Tintos de azul e rosa, em ouro laminados.

Eis a recordação que volteia selvagem,
No tumultuoso ar em que a cega Vertigem
Da alma se apossa e, com as duas mãos,
No poço a ela empurra, abismo de miasmas;

Ela a aterroriza, em secular calvário,
Qual Lázaro odorante e rasgando o sudário,
Que ao despertar recobra o corpo espectral
De um velho amor rançoso, excelso e sepulcral.

E quando eu estiver perdido na memória
Dos humanos, no canto, em um sinistro armário
Depois de me atirarem — frasco sujo desovado,
Decrépito, poeirento, abjeto e desolado,

Serei eu teu caixão, amável pestilência!
Memória da tua força e tua virulência,
Caro licor, veneno, aos anjos preparado!
Que provêm vida e morte ao coração roído!"

"O VENENO [XLIX]

Sabe o vinho vestir o mais reles covil
De um luxo milagroso,
E faz surgir em ouro um portal fabuloso,
Do seu vapor coral,
Como um sol que se põe em um céu nebuloso.

Faz o ópio crescer o que não tem divisas,
Alonga o desmedido,
Aprofunda a volúpia e o tempo cavado.
De prazeres tediosos,
Preenche a alma além da capacidade.

Mas nada vale o negro veneno escorrendo
Dos teus olhos, teus olhos verdes,
Lagos em que minh'alma treme e às inversas...
Vê meus sonhos em bando,
A se desalterar em crateras amargas.

E vale mais que tudo o terrível prodígio
O da saliva tua que morde,
Que afunda sem remorso minh'alma em esquecimento,
E carregando o desmaio,
O faz rolar nos rios da morte!"

"O GATO [LI]

I
Nos meus miolos deambula,
Como se fosse em sua casa,
Um belo gato, forte, teso
Que quando mia, mal se escuta,

Tão terno e suave é o seu timbre;
Mas, seja calma ou ressoando,
Sua voz é rica e profunda
E disso é feito o seu segredo.

Pois essa voz que escorre e filtra,
No meu mais tenebroso fundo,
Me enche o verso como um mundo
E me alegra como um filtro.

Seda ela o mais cruel desgosto
Refreando todos os êxtases;
E para dizer suas longas frases,
Palavras não lhe fazem falta.

Não, não há arco que me morda
O coração, instrumento apurado,
E faça com mais majestade
Cantar sua mais vibrante corda,

Que tua voz, gato misterioso,
Seráfico, esquisito arranjo,
Em que tudo é, como um anjo,
Sutil e harmonioso!

II
Um cheiro adocicado exala,
De sua pelagem mesclada
Em que eu fui embalsamado,
Por uma só vez alisá-la.

Espírito guardião do local
Que julga, preside e inspira.
Tem tudo sob o seu império,
É deus, é fada ou mortal?

Se a esse gato talismã,
Volto meus olhos docemente,

De mim caindo de repente,
Puxado como por um imã,

São já incêndios que me espantam
Das suas pálidas pupilas,
Claros faróis, vivas opalas,
Que fixamente me contemplam."

"O FANTASMA [LXIII]

Vai ser eu angélico vândalo,
Quem vai voltar ao teu túmulo,
De mim não ouviras boato,
Exceto das sombras da noite;

E eu te darei, morena nua,
Beijos tão frios como os da lua,
Carícias loucas de serpente,
Da própria fossa rastejante.

E quando vier a manhã lívida,
Encontrarás desabitado,
Esse lugar mais frio que a foice.

Que aos que se valem da meiguice,
Oporei na decrepitude,
Para a tua juventude, sempre, calcar."

"TRISTEZA DA LUA [LXV]

Sonha essa noite a lua e com mais preguiça;
Tal como em almofadas muitas uma diva,
Que de uma mole mão, rasteira e movediça
Alisa ao dormir dos seios o relevo.

As costas no satin de avalanches macias,
Morrendo, ela se entrega aos mais longos enleios,
Os olhos faz vagar sobre brancas visões
Que sobem para o céu como densos floreios.

Se às vezes sobre o globo, em seu fútil langor,
Deixa ela uma furtiva lágrima romper,
Um poeta piedoso — inimigo sono,

No vazio da sua mão toma, da lágrima pálida,

Irisados reflexos, fragmentos de opala,
Que põe no coração, ao longe dos olhos do sol."

"GATOS [LXVI]

Um amante ardoroso ou sábios austeros
Da mesma forma amam, na estação madura
Gatos augustos — da casa orgulho e fissura
Que como eles são frientos, sedentários.

Amigos da ciência e também da volúpia,
Procuram no silêncio a repulsão das trevas;
Érebo os mutaria em mensageiros fúnebres
Pudesse à servidão curvar a sua astúcia.

Assumem ao sonhar o ar nobre e esquivo
De esfinge alongada em solidões de arquivo,
Que parece dormir de sono sem ter fim.

Seu reino é fecundo e de faíscas mágicas,
Partículas de ouro e de areia fina,
Que luzem como um astro em suas pupilas místicas."

"AS CORUJAS [LXVII]

No breu dos teixos que as abrigam
São as corujas alinhadas,
Como por deuses perfiladas,
Olhos vermelhos que meditam.

Sem se mexer elas esperam
Até a hora melancólica
Em que empurrando o sol oblíquo,
Noite e negrura agora imperam.

Sua atitude ao sábio ensina
Temer do mundo como a sina
Conturbação e movimento.

Embriagado por um vulto,
Consigo traz o sofrimento,
Quem quer mudar sempre de porto."

"A SEPULTURA [LXX]

Se em noite compacta de sombra
Um bom cristão, por caridade,
Atrás de um esquecido escombro
Velar teu corpo cobiçado,

Na hora das castas estrelas
Fecharem o olho já pesado,
A aranha aí fara suas telas
E terão cobras desovado.

Por todo o ano vais ouvir,
E à tua sentença há de convir,
Os uivos lamentáveis dos lobos

E das famélicas videntes,
Peias de velhos indecentes
E dos vigaristas, cabalas."

"A GRAVURA FANTÁSTICA [LXXI]

Espectro singular, que tem por amuleto,
Grotesco e implantado, em fronte de esqueleto,
Tão bela diadema, espantoso badalo —
Sem relho nem espora, esfalfa o seu cavalo!
Como ele assombração, corcel apocalíptico,
Que pelas ventas baba igual um epiléptico.
Através do espaço, arremetem os dois,
E calcam o infinito em passos temerários.
O cavaleiro leva um sabre com que queima
As massas que, sem nome, a montaria mói,
E avança como um rei, inspecionando o reino,
Cemitério sem fim, imenso e mofino,
Onde jaz ao luar de um sol pálido e terno,
A humanidade toda, antiga e moderna."

"A MORTE FELIZ [LXXII]

Em uma terra gorda e cheia de escargots,
Quero cavar eu mesmo um buraco sem fundo,
Onde eu possa por bem plantar os velhos bagos,
E esquecido dormir, qual tubarão na onda.

Não deixo testamento e nem outros estorvos,
Mais do que implorar a lágrima do mundo,

Preferiria eu convidar cães e corvos
Às arestas sangrar de uma carcaça imunda.

Oh vermes amicais, sem olho nem ouvido!
Queiram ver vir a vós um morto-vivo impávido
Filósofos joviais, reis da putrefação,

Em cima da minha sina, andem, pois, sem remorsos
E digam-me se há uma tribulação
Para esse corpo velho e morto entre os mortos!"

"SPLEEN [LXXV]

Chuvoso e irritado, contra a vila inteira,
Da urna fria verte os golfos tenebrosos
Aos brancos cidadãos perto do cemitério,
E a letalidade aos subúrbios brumosos.

Meu gato sobre a laje em busca de uma palha
Agita sem repouso o lombo esguio sarnento;
Um velho trovador divaga sob a calha
Com sua triste voz, fantasma friorento.

O zangão se lamenta e a lenha enfumaçada
Acompanha em falsete o sino constipado,
Ao mesmo tempo que — jogo pleno de acentos,

E herança fatal de caducas hidrópicas,
A vil dama de paus e o valete de copas
Relembram com horror seus amantes defuntos."

"SPLEEN [LXXVI]

Tantas lembranças tenho e como de mil anos.

Um móvel atulhado e de notas mundanas,
Cartas belas de amor, romances, textos, versos,
Com mechas de cabelo enroscadas aos maços,
Guarda menos segredo, oh! que meu triste cérebro,
Pirâmide longeva além de imenso cofre,
Que mais mortos contém que uma vala comum.
— Eu sou um cemitério que as luas abominam,
Em que como remorsos vagam longos vermes,
Encarniçados sobre os meus mortos disformes.
Sou como um camarim de rosas desbotadas,

Em meio à confusão de modas antiquadas,
Com pálidos Bouchers e pasteis desolados,
Transpirando o odor de frascos desrolhados.

Nada mais longo é que as manhãs claudicantes,
Em que nevosos caem, pesados e silentes,
Anos frutos do tédio e da incuriosidade,
E tendo as proporções da imortalidade.
— Ensinam-nos que tu não és, matéria viva!
Que um granito rodeado e de espantosa vaga,
Adormecida sobre um Saara brumoso,
Esfinge ignorada e desatenciosa,
Esquecida do mapa e cujo humor selvagem
Não canta mais senão aos raios que se põem."

"DESTRUIÇÃO [CIX]

Ao lado sem cessar, se agita um Dragão,
E nada ao meu redor, eflúvio impalpável;
Ao tragá-lo, o sinto a queimar meu pulmão
Que enche de desejo eterno e culpável.

Sabendo ele, pois, do meu amor às Artes,
Assume a forma de um sedutor de fêmeas,
E, sob alegações simplórias de farsantes,
Acostuma o meu lábio aos filtros mais infames.

E me conduz assim, do olhar de Deus alheio,
Ofegante e lascado, exausto e em meio
Às planícies do tédio e colinas desertas,

Atirando ao meu olho a plena confusão
De vestimentas sujas, feridas abertas,
E todo o aparato da Destruição!"

"ALEGORIA [CXIV]

— Mulher bela e de rico colar,
No vinho a arrastar, a basta cabeleira —
Torpes venenos do cassino, do amor as garras sutis:
Tudo desliza e tudo se embota no granito da tua cútis.
Desafia o Deboche e ri da Morte,
Monstros, cuja mão arranha e corta,
Mas nos jogos destrutores, têm, no entanto, respeitado
Desse corpo firme e direito, a rude majestade.

E marcha como deusa e jaz como sultana,
Rendendo ao prazer a fé maometana.
E nos braços abertos que enchem os seus seios,
À raça dos humanos apela os olhos seus.
Ela sabe, ela crê — virgem infecunda,
Não menos necessária à vil marcha do mundo,
Que a beleza do corpo é um sublime dom,
Que de toda infâmia arranca o perdão.
Ignora o Inferno e o Purgatório
E quando a hora for de entrar no necrotério,
Ela olhará de frente o semblante da morte,
Tal qual recém-nascido, sem ódio nem remorso."

"A MORTE DOS AMANTES [CXXI]

Terão nossos leitos fragrâncias ligeiras,
Faustosos divãs, lembrando mausoléus,
E flores estranhas, sobre as prateleiras,
A nós transudadas sob belos céus.

Queimando em furor suas últimas flamas,
Nossos corações vão ser dois vastos brilhos.
Hão de refletir sobre os seus duplos lumes
Os nossos espíritos qual dois espelhos.

Numa noite feita de rosa e azul místico,
Trocaremos nós o nosso clarão único,
Um longo soluço, repleto de adeus;

E mais tarde um Anjo, entreabrindo as portas
Virá reavivar, animado e fiel,
Os espelhos turvos e as chamas mortas."

"O SONHO DE UM CURIOSO [CXXV]

A Félix Nadar

Conheces tu como eu, a angústia deleitosa,
Fazes de ti dizer: Oh, homem singular!
— Vou morrer. E isso foi, na minh'alma amorosa,
Desejo unido ao susto, um mal particular;

Angústia e aflição, tão franca quanto dócil.
Mais a areia fatal do vértice vazava,
Mais fazia do horror uma acerba delícia;

E do mundo comum meu peito se arrancava.

Criança era eu, sedento do espetáculo,
O pano odiando — era ele um obstáculo...
Enfim, verdade fria e pronto revelada:

Sem susto estava morto e a funesta aurora
Me encobria: mas quê? não havia mais nada?
Cortina levantada, e eu esperando a hora."

"SOL ROMÂNTICO QUE SE PÕE [*Les Épaves*, I]

Esplêndido é o sol que novo se levanta,
Lançando-nos bom dia, como de uma explosão!
— Bendito seja quem alcançar com paixão,
Rever no seu poente a glória que encanta!

Eu lembro bem!... Vi tudo, a flor e o manancial,
Extasiados sob um peito que palpita.
— É tarde, ao horizonte, andemos, pois, e rápido,
Para apanhar que seja um raio transversal.

Mas eu persigo em vão Apolo em seu declínio;
A irresistível Noite erige o seu domínio,
Escuridão funesta e cheia de arrepios;

Que faz nadar na treva odor de sepultura.
Já o meu pé assustado, à beira do atoleiro
Roça um sapo ligeiro e frios caracóis."

"AS METAMORFOSES DO VAMPIRO [VII]

A fêmea todavia — da boca de framboesa,
Retorcendo-se como uma cobra na brasa,
E enrijecendo o seio no ferro do corpete,
Deixou correr palavra ensopada de ambrette:
— Tenho o lábio molhado e conheço a ciência
De, no fundo curral, perder a consciência.
Enxugo todo pranto em seios triunfantes,
E ao velho faço rir o riso dos infantes.
Sou um substituto, a quem me vê sem véus,
Das estrelas, do sol, da lua e dos céus!
Eu sou, caro mentor, tão versada em volúpia,
Ao sufocar alguém em meus braços de hárpia
Ou ao abandonar às dentadas meu busto,

Tímida e libertina, efêmera e robusta,
Que sobre esses colchões, turbados se extasiam,
Os anjos que do céu por mim se lançariam.

Tendo ela do meu torso haurido até a medula,
E eu lânguido voltado o rosto para ela,
Foi no beijo de amor, que outra se entrepôs:
O flanco já grudento, a mão cheia de pus!
Gelei fechando o olho, e oh perplexidade!
Se de novo o abri à viva claridade,
Ao lado, no lugar do manequim robusto,
O que tinha sugado o meu sangue de susto,
Tinia a confusão de cacos de esqueleto
Dispostos a soltar de um cata-vento o grito,
Insígnia fincada em triângulo de ferro,
E que balança o vento em noites de inverno."

"O HINO [X]

À muito cara, à muito bela
Que a mim enche de claridade,
Ao anjo, ao meu imortal ídolo,
Um brinde na imortalidade!

Ela se expande em minha vida
Como ar saturado de sal
E na minh'alma insaciada
Verte ela o gosto do imortal.

Sachê tão fresco e que perfuma
A aura de um caro reduto,
Turíbulo fóssil que fuma
Discreto através da noite.

Como, amor incorrompível,
Te exprimir e com verdade?
Grão de almíscar invisível,
No côncavo da eternidade!

À muito cara, à muito bela
Que a mim enche de sanidade,
Ao anjo, ao meu imortal ídolo,
Um brinde na imortalidade!"

"O RESGATE [XIX]

O homem tem à remição
Dois campos de tufo calcário,
Os quais precisa desbravar
No ferro rijo da razão.

Para obter a menor flor,
Para extorquir alguma espiga,
Salgadas lágrimas, fadiga
Sem falta é preciso repor.

Um é a arte, outro é o amor.
— E ao chegar a hora terrível,
Montado o austero tribunal,
Pra do juiz ter o favor,

Preciso é mostrar as granjas
Fartas de colheita e de flores
Cuja forma e cujas cores
Alcancem o favor dos anjos."

"LAMENTOS DE ÍCARO [*Troisième édition*, XII]

É feliz, jovial, repousado
O amante das prostituídas;
Quanto a mim, tenho as mãos feridas
Por as nuvens haver enlaçado.

É graças a astros sem iguais,
Que bem ao fundo do céu inflamam,
Que meus olhos exaustos não veem
Senão gastas lembranças de sóis.

Em vão quis eu, do imenso espaço,
Encontrar o meio e o epílogo;
Mas por não sei qual olho de fogo
Sinto a asa que se despedaça;

E, por ao belo ter eu apego,
Já não terei a honra sublime,
De meu nome outorgar ao abismo
Que a mim servirá de jazigo."

"RECOLHIMENTO [XIII]

Sábia Dor, tenha tranquilidade,
Jaz o Breu estendido ao teu lado.
Bruma escura que cobre a cidade,
Trazendo-nos a paz ou a escolta.

Se, dos mortais, a multidão vil,
Que o Prazer fere sem perdão,
Culpas colhe no sarau servil,
Minha Dor vem aqui, dá a mão:

Nos céus, vestem-se os Anos defuntos,
E perfilam-se em robes vetustos;
Banha-se o Remorso sorridente,

Sob a arcada do Sol moribundo.
E, mortalha que vem do oriente,
Doce é a marcha da Noite profunda."

Torres, verão de 2020